

GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de ALMEIDA (1799-1854)

*Luís Augusto Costa Dias**

Das memórias da infância vivida no Porto, onde nasceu a 4 de Fevereiro de 1799, permaneceu o fascínio dos contos e canções tradicionais repetidos por criadas de família, entre as quais a “velha Rosa de Lima”, mulata pernambucana que o avô materno, José Bento Leitão, trouxera do Brasil: dessa reminiscência da cultura popular resultaria o *Romanceiro* de Almeida Garrett. Depois da adolescência nas ilhas dos Açores, para onde a família se deslocou em 1809, na eminência da segunda invasão francesa, voltaria ao continente em 1816 para cursar Leis na Universidade de Coimbra, onde contou colegas e amigos baianos, como Francisco Gomes Brandão Montezuma; com este, Garrett liderou o primeiro grande levantamento estudantil português contemporâneo, entre manifestos e manifestações de rua.

Adepto liberal desde a revolução de 1820, viveu o calvário de dois exílios (1823-1826 e 1828-1832); alistado no exército de D. Pedro durante a guerra civil contra as forças miguelistas (1832-1834), secretariou a acção de vários ministros na importante obra legislativa que definitivamente separou o “Portugal velho” do “Portugal novo”. Exerceu a partir de então uma proeminente e regular actividade de deputado, chegou a ministro no final da vida, morrendo em 9 de Dezembro de 1854. Foi o dramaturgo que deixou em *Frei Luís de Sousa* (1844) a sua obra-prima do género, criando também o Teatro Nacional; poeta a que na época apelidaram de “divino”, deixou em *Folhas Caídas* (1853) o timbre da poesia moderna; prosador que revolucionou a linguagem, escreveu a obra ímpar que é *Viagens na Minha Terra* (1846).

É geralmente conhecida uma presença brasileira na sua obra de ficção, de que é exemplo *Komurahi*, conto brasileiro inconcluso, em que as «harmonias poéticas» da natureza tropical se contrapõem aos «gelos pasmados do norte»

* Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Ceis20/Universidade de Coimbra), Grupo de Estudo das Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais. Doutorando em História da Cultura, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

civilizado; também a figura do negro Spiridião Cassiano di Melo e Matôs, personagem do romance *Helena*, ainda incompleto, foi inspirada em outro velho colega de curso, Cassiano Esperidião de Melo e Matos. Mas foi sobretudo do ponto de vista político-doutrinário que o Brasil ocupou uma perspectiva de relevo no pensamento de Garrett, explicitando antes de mais a sua posição favorável à separação da antiga colónia: numa poesia juvenil intitulada *O Brasil liberto*, que compôs e rescreveu entre 1820 e 1923, o escritor hasteou “Os pendões da sincera independência. / Sim, da paterna casa / Salvai vós as relíquias, os tesoiros, / Antes que os roube o monstro”. Tratou-se de uma postura rara, no contexto dos interesses da burguesia *vintista* em que relevou a atitude isolada de Manuel Fernandes Tomás, o “pai da pátria” liberal que, nas primeiras Cortes constituintes, incitou os deputados a que deixassem o Brasil “seguir o seu caminho”. Porém, a “questão brasileira” é bem mais profunda na arquitectura do pensamento político de Garrett, com lugar de destaque numa mundividência liberal que estendia importantes raízes às concepções iluministas; ainda jovem o seu autor, tomou forma um ensaio extenso e longamente intitulado *Da Europa e da América e de Sua Mútua Influência na Causa da Civilização e da Liberdade*.

Começado a escrever por volta de 1824 e publicado num jornal de Londres em 1826, esse artigo veio a ser refundido (em grande medida diluída a sua problemática inicial) na primeira parte do célebre ensaio intitulado *Portugal na Balança da Europa*, coligido já em 1830. Na sua versão original, o texto inscreve uma leitura brasileira na perspectiva mais vasta do que poderá designar-se por *crítica do colonialismo* – é esse o *leit motiv* da análise garrettiana inicial, que deve ser correctamente situada num ponto terminal da célebre *querela sobre o Novo Mundo*. “Resolvido está finalmente o grande problema: se a descoberta do novo mundo foi útil ou prejudicial ao velho”, começa neste ponto de resolução, para considerar que não só “a condição do mundo velho empiorou com a descoberta e dominação do novo” como a descoberta e ocupação deste deu “mais vasta praça à tirania”. Portugal e Brasil são, deste modo, colocados como eixos de um elo directo que ligava, desde a moderna expansão europeia, a cadeia da civilização; as relações entre ambos os países, constituindo um fiel das relações entre os respectivos continentes – segundo o modelo de uma *sociologia do progresso* regido por leis, no artigo claramente enunciadas –, poderiam representar a solução para as grandes transformações da Era das Revoluções.

Se é certo que as duas porções continentais estavam “intimamente ligadas por interesses comuns, pelos vínculos do sangue, da linguagem, da religião, de tudo quanto prende os homens e as nações” num processo de mútua influência, no fundamental, porém, “o estado da Europa era mui diferente do da América”. Esta desenvolvera “uma população nova, não roída ainda dos cancros das dinastias,

das classes privilegiadas, que no antigo hemisfério danam toda a liberdade, e impedem toda a reforma. Exceptuando alguns frades nas províncias católicas, só classes produtoras ocupavam o solo americano.” Aí encontrava a liberdade seu terreno natural, enquanto na Europa, mais civilizada, porém, “se de um lado a reforma religiosa, as ciências, as artes, sobretudo a imprensa esclareciam os homens, por outro as combinações maquiavélicas dos gabinetes, os exércitos permanentes, a espionagem, a censura, a polícia entravavam o andamento natural das coisas”. Foi este despotismo exercido sobre os povos das colónias que «cegou os opressores, deram-se eles mesmos pressa para sua ruína: dobraram exacções, apertaram com vexames, não houve limites para suas tiranias...” E assim, conforme enunciado numa *lei das revoluções* – em que, segundo Garrett, a *reação* libertadora é directamente proporcional à *acção* das forças opressivas – o “povo trabalhador, activo e proprietário” do novo mundo “desenganou-se, conheceu suas força, e sacudiu o jugo” que conduziu à independência dos Estados Unidos da América do Norte; mas estes, mais que “o exemplo de quanto pode uma nação verdadeiramente determinada a ser livre”, encontraram e apontaram à “regeneração do Universo” a solução para o problema do sistema político próprio da liberdade, “quero dizer: o método de estabelecer permanentemente um república” ou, em linguagem mais eficaz, a “*pedra filosofal* das repúblicas, essa *federação* maravilhosa” que se tornou o “poderoso membro da confederação geral dos oprimidos” e irradiou, se não com sucesso no velho continente, de norte para sul do novo... Excepto, então, a terra brasileira que “permaneceu no meio desta inundação de liberdade isolada e alheia do movimento geral”.

O Brasil permaneceu, sob a “máscara impostora” do “novo imperador”, como “anomalia exótica no sistema natural da América”, isto é como “monarquia encravada entre repúblicas”; e, desse modo, como “único representante da *legitimidade*” da “Santa Aliança dos reis da Europa”, o império brasileiro e a política mediada pela “Inglaterra, que é legítima ou liberal, segundo mais lhe convém”, parecem estar destinados, segundo um pessimismo final de Garrett, a contrariar o progresso da civilização e da liberdade. O artigo não conclui, porém, numa segunda parte, que ficou por escrever ou publicar. Restou o mote pessimista: “Desgraçado Brasil! Breve tens de ver hostes do feudalismo desembarcar nas tuas praias, armadas de vingança, insaciáveis de opressão, e teus próprios filhos, forçados nas galés do despotismo, terão de combater contra a liberdade americana, e de ser o instrumento de sua ruína.” Pessimismo que, todavia, no conjunto do modelo sociológico que o integra, não pode deixar de ser transitório. O carácter cíclico que se desprende da leitura deste ensaio informa o progresso da civilização, processo de *corso* e *ricorso* a que Almeida Garrett submete a mútua influência dos continentes europeu e americano, conforme uma *lei do progresso da humanidade*,

bem à maneira de Condorcet, assim enunciada: “sempre a civilização e as luzes triunfarão, mais hora menos hora, da opressão e do engano.” Segundo Garrett, a humanidade trava uma luta constante entre liberdade e tirania, igualdade e privilégios, luzes e trevas – mas sempre em avanço inexorável no sentido do interesse dos povos.

Bibliografia activa

- GARRETT, Almeida, «Da Europa e da América e de sua mútua influência na causa da civilização e da liberdade», *O Popular*, XIX (Março), Londres 1826;
_____. «O brasileiro em Lisboa», *A Ilustração*, Lisboa 1845;
_____. «Komurahy – história brasileira», *Revista do Livro*, Rio de Janeiro 1956.

Bibliografia passiva

- OLIVEIRA, José Osório de. «Um Garrett brasileiro. Influência do Brasil em Portugal», *Revista do Livro*, Rio de Janeiro 1956;
D'ALGE, Carlos. *As Relações Brasileiras de Almeida Garrett*, Brasília 1980;
DIAS, Luís Augusto Costa. *O jovem Garrett e o sonho de uma ideia ideal distante*, pref. a Almeida Garrett, *Obra Política. Escritos do Vintismo*, Lisboa 1991.